



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

## **Educação Infantil, Educação Ambiental e construção de valores: uma proposta de formação docente.**

Cristiane Magalhães Bissaco<sup>1</sup>  
Deise Machado-Da-Silva<sup>2</sup>  
Danielle Aparecida dos Reis<sup>3</sup>

**Resumo:** Diversos autores que vêm refletindo sobre a crise ambiental entendem que esta seria resultante de uma crise civilizatória, consequência de uma visão de mundo que promove os atuais padrões de relação sociedade-sociedade e sociedade-natureza. Sendo parte do processo de enfrentamento desta crise, a Educação Ambiental (EA) tem estado cada vez mais presente em escolas e outros espaços, já que o processo educativo é apresentado como uma das possibilidades para reverter o atual quadro de degradação instalado. Considerando a importância da inserção da construção de valores na educação em geral e as dificuldades existentes para a realização desse trabalho valorativo por parte do professor, essa questão, em se tratando da EA, se apresenta como importante tema para a formação continuada dos professores e gestores da Educação Infantil, o que será apresentado e discutido neste artigo.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Educação Ambiental; Educação em Valores.

### **Early Childhood Education, Environmental Education and Values Education: a proposal for teacher training**

<sup>1</sup> A autora é Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP e doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista, UNESP. E-mail: [cristianemagalhaes@yahoo.com.br](mailto:cristianemagalhaes@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> A autora é especialista em Supervisão e Orientação Educacional pela Universidade Cidade de São Paulo - UNICID (2013). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba - FAC FEA (2009). Graduada em Pedagogia pela Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba - FAC FEA (2004). Habilitada no curso de Magistério pelo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério - CEFAM (2000). Há cinco anos está na função de Orientadora Pedagógica de Educação Infantil (EI) na Secretaria Municipal de Educação de Araçatuba/SP. Professora de Educação Infantil desde 2006 no mesmo município. Tutora presencial na Universidade Anhanguera no curso de Pedagogia – Araçatuba. Aluna especial no Mestrado em Educação pela FCT/UNESP, Presidente Prudente, cursando a disciplina Pedagogia de Paulo Freire (2014 - 2015) e Pedagogia Histórico-Cultural (2015) E-mail: [isa\\_jasel@hotmail.com](mailto:isa_jasel@hotmail.com)

<sup>3</sup> A autora é doutoranda em Educação pela Unesp – Rio Claro e Mestre pelo mesmo programa e Instituição. Licenciada em Física pela Universidade Federal de Itajubá. Atua como tutora do curso de Licenciatura em Física, modalidade à distância, oferecido pela UNIFEI. E-mail: [dani\\_aparecidareis@yahoo.com.br](mailto:dani_aparecidareis@yahoo.com.br)

**Abstract:** Several authors who have been reflecting on the environmental crisis understand that this would be the result of a civilization crisis, a consequence of a worldview that promotes current patterns of relationship between society and society, society and nature. Being part of the coping process of this crisis, the environmental education has been increasingly present in schools and other spaces, since the educational process is presented as one of the possibilities to reverse the current degradation framework installed. Considering the importance of including the construction of values in education in general and the difficulties to achieve that evaluative work by the teacher this question, in the case of environmental education, presents itself as an important theme for the continuing education of teachers and managers of Early Childhood Education, which will be presented and discussed in this paper.

**Keywords:** Early Childhood Education, environmental education, values on education.

## **Introdução**

No ano de 2015 a Secretaria Municipal de Educação de Araçatuba – SP ofereceu um grupo de estudo, caracterizado como formação continuada, que objetivou fornecer alguns subsídios a Diretores de Escola, Coordenadores Pedagógicos e, principalmente, Professores (PEB1)<sup>4</sup> sobre a Educação Ambiental (EA) e o trabalho com valores nas escolas de Educação Infantil (EI). Como produto final deste grupo de estudo, os participantes foram orientados a elaborar planos de atividades educativos/pedagógicos abordando temáticas ambientais e envolvendo a participação de todos no contexto escolar.

Contamos com a inscrição de trinta e quatro educadores, sendo sete diretores de escola, cinco coordenadores pedagógicos, onze professores de creche (0-3 anos) e onze professores de pré-escola (3-6).

As reuniões do grupo de estudo descrito e analisado neste artigo foram realizadas em sete encontros com duração de três horas cada, somados a nove horas destinadas a elaboração do plano anteriormente mencionado, sendo este elaborado de forma individual para que cada profissional atendesse as especificidades da sua escola/turma e realidade social, que juntos contabilizaram trinta horas de formação. Esses encontros presenciais foram realizados no segundo semestre do ano de 2015 no horário das 18h as 21h a fim de possibilitar que todos os servidores que desejassem se inscrever pudessem fazê-lo fora do horário do trabalho e desse modo fossem certificados por sua

---

<sup>4</sup> De acordo com a Lei Complementar 204 (ARAÇATUBA, 2010) em seu artigo 7.º “Os integrantes da classe de docentes exercerão suas atividades na seguinte conformidade: Professor de educação básica I – PEB I: a) Na educação infantil; b) Nas séries iniciais do ensino fundamental, regular e supletivo”.

participação. As datas previamente agendadas eram espaçadas para que houvesse tempo para as leituras e elaboração do plano de atividades.

Esses encontros contemplaram: a) a leitura e a discussão de textos de fundamentação teórica e de recursos de outra natureza (textos literários, material audiovisual, etc) relacionados à temática ambiental, à Educação Ambiental, à educação em valores e à escola; b) a elaboração e o desenvolvimento de um plano de atividades, procurando concretizar os estudos realizados junto a suas crianças.

Nos próximos itens, serão apresentadas algumas informações sobre as reuniões, como o referencial teórico adotado, a temática abordada e as atividades que foram realizadas.

### **1. Concepção de meio ambiente, a crise civilizatória e o surgimento da Educação Ambiental.**

O primeiro encontro foi realizado em 17/08/2015 e conduzido por uma doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Rio Claro, vinculada à linha de pesquisa de Educação Ambiental. Nesta reunião buscou-se introduzir alguns conceitos que contribuem para o reconhecimento e entendimento da crise ambiental. Nesse sentido, foram propostas discussões sobre o significado de ambiente e a concepção de temática ambiental, enfocando tanto a relação homem-natureza, como a relação homem-homem, por tratar-se de uma proposta socioambiental.

Para dar início ao encontro, a formadora, no intuito de trazer para a discussão o conhecimento prévio dos participantes lança um questionamento: “*O que é o meio ambiente?*” As respostas giraram em torno de: a) local onde se vive ou permanece, pode ser a casa ou a escola; b) composto por seres vivos; c) convivência e interação entre os seres vivos, objetos e as outras pessoas e d) sistema composto de animais, vegetais e rochas. Mostra-se em posição afirmativa em relação às respostas e complementa que “é tudo que nos envolve além de ser a forma como nos relacionamos com a natureza e entre nós”

Ao questioná-las sobre *como nos relacionamos hoje com a natureza? Como nos relacionamos hoje com os outros? É fácil essa relação?* Tivemos como respostas que “*essa relação está cada dia mais complicada*” “*falta tolerância entre as pessoas*” “*falta paciência, as pessoas estão muito imediatistas*”. E ela continua provocando de forma retórica: “*E, por que nós estamos assim?*”, entrando com a explicação pautada em slides de que o conceito de natureza foi construído pelo homem, sendo, portanto, produto da

cultura e elaborado historicamente. Na sequência, a formadora propôs aos participantes a discussão sobre a crônica de Carlos Drummond de Andrade - *Da utilidade dos Animais*, cujo excerto destacamos a seguir:

Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?

– **Entendi, a gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pêlo, o couro e os ossos.** (ANDRADE, 1979)

Após a leitura, os participantes foram incitadas a discutir sobre o que o autor queria demonstrar quando escreveu essa crônica, discutiu-se a ironia presente no texto e elas levantaram situações como: “*protege, mas vai usar*” “*respeita, mas usa o chifre, o osso...*” “*como nossas próprias falas são contraditórias*”. A formadora completa: “*É a natureza a nosso serviço, que remete a uma visão utilitarista de natureza construída historicamente entre nós*”. Nesse momento, destacou-se o valor utilitarista que é atribuído à natureza, discutindo-se sobre a necessidade de que esta concepção seja modificada.

A formadora traz reflexões importantes junto ao grupo sobre a crise hídrica no estado de São Paulo desde 2014, as doenças metabólicas resultantes do alto nível de agrotóxicos na produção agrícola. E reforça que essa crise que não é só ambiental, é chamada de crise civilizatória e tem suas raízes históricas desde quando o homem primitivo começa a racionalizar, apresentando uma série de filósofos desde o período Pré-Socrático e seu entendimento sobre a natureza.

Vários autores da área da Educação Ambiental (RAMOS, 2010; DUARTE, 2005; BORHEIN, 1985) entendem que a concepção utilitarista sobre a natureza seja um dos fatores que contribuíram para surgimento da crise ambiental. Nesse sentido, para o reconhecimento e enfrentamento dessa crise, reconhece-se a necessidade de que as concepções sobre natureza apresentadas em diferentes momentos históricos sejam explicitadas a fim de reconhecer as origens dessa crise.

Por estes motivos, após essa primeira discussão, iniciou-se uma exploração de cunho teórico, momento em que se buscou destacar como as concepções acerca da relação sociedade-natureza foram construídas e como a mesma evoluiu com o passar dos séculos. Essa abordagem abarcou a concepção sobre natureza desenvolvida no período pré-socrático, no período socrático (Platão e Aristóteles), na Idade Média e na Idade Moderna. Essa etapa do encontro abarcou também as discussões referentes ao surgimento do movimento ecológico na década de 60, visto como uma recusa aos

valores materialistas impostos pela sociedade de consumo até aquele momento. Partimos do entendimento de que somos a natureza, integramos a natureza, para então no século XVII haver uma cisão no relacionamento homem-natureza, passamos a vê-la como um objeto distante de nós sujeitos racionais e dominantes de tudo aquilo que não racionalizasse. A superioridade da razão sobre outros seres somada ao modo de produção capitalista afetou de modo decisivo nosso relacionamento com o entorno.

A formadora lança mais um questionamento: “*Vamos educar nossas crianças pautados no pensamento de que a ciência salva tudo?*” “*Lembremos que por meio da ciência tivemos a câmara de gás durante o nazismo, a bomba nuclear no fim da segunda guerra mundial. A ciência é feita por homens, portanto tem consequências boas e ruins*”. Nesse momento, um dos participantes coloca uma situação particular de nossa cidade, uma cidade muito quente localizada no noroeste do estado de São Paulo. “*Mesmo com as altas temperaturas, continua havendo aumento de construções como prédios e a diminuição de árvores. Até quando iremos fechar os olhos para isso? Muitas vezes vemos podas drásticas diante dos nossos olhos e não nos mobilizamos*”.

A partir dessas considerações, apresentou-se o surgimento da Educação Ambiental como uma resposta à crise ambiental que cresceu intensamente a partir da segunda metade do século XX. Nesse momento, segundo o referencial de Carvalho (2004), foi apresentado um modelo teórico que nos oferece subsídios para a construção e desenvolvimento de nossos projetos, ações e investigações em EA, destacando a necessidade de abordar três dimensões (conhecimentos, valores e participação política) em trabalhos educativos que possuem a temática ambiental como centro das discussões.

Com a apresentação do vídeo intitulado a *História das Coisas* houve maior participação entre elas: “*a gente entra na onda do comércio, mês dos pais, mês das mães, Natal, são as datas para vender e a gente acaba comprando. Os valores se perderam*”; “*o consumo é impulsionado pela publicidade, nos canais fechados destinados ao público infantil às propagandas são apresentadas repetidas vezes*”.

Passou-se então a discutir o *Discurso para a abertura da Feira de Frankfurt* de Luiz Ruffato (RUFFATO, 2013), já que por meio dele entende-se que a Educação pode nos ajudar a mudar a realidade. O autor se posiciona a favor das utopias, justifica que é preciso sonhar com um mundo melhor, um lugar para ser feliz. Finalmente, assistimos ao vídeo intitulado *O problema não é meu*, cuja mensagem que fica é a de que é preciso assumir a responsabilidade!

## **2. Educação Ambiental: diferentes abordagens**

O segundo encontro foi realizado em 31/08/2015 e ministrado por uma mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Rio Claro, vinculada à linha de pesquisa de Educação Ambiental.

A partir do encontro anterior, em que a Educação Ambiental foi apresentada como um dos meios que possibilitam o enfrentamento da crise ambiental. Neste encontro buscou-se apresentar a EA como uma atividade política capaz de evitar intencionalmente a barbárie, revelando-a como uma prática social necessária. Discutiui-se sobre a necessidade de desenvolvimento de uma EA Crítica que visa desenvolver o pensamento autônomo e emancipado. Desta forma, nesta reunião foi desenvolvida uma exposição teórica, baseada em referenciais como: Santana (2005), Carvalho (2004), Loureiro (2004), Trein (2012), Layrargues e Lima (2014), entre outros.

Discutiui-se sobre o momento em que a EA transforma-se em uma proposta educativa, o que culminou no desenvolvimento de políticas públicas para a Educação Ambiental, como a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) em 1999 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental em 2012.

A formadora enfatizou a EA como um campo de saber e de práticas internamente diversificado, discutindo-se sobre as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental: Conservacionista, Pragmática e Crítica. Essas três macro-tendências foram discutidas profundamente tanto em aspectos teóricos como em aspectos mais práticos por meio da apresentação de vídeos que as ilustravam.

Em relação à macro-tendência conservacionista assistimos ao vídeo intitulado Preservação do Meio Ambiente de Fernanda Sena. Já no que diz respeito à macro-tendência pragmática assistimos ao vídeo intitulado Repente do Consumo Sustentável de Rafael Borges. Finalmente, ao tratar da macro-tendência crítica assistimos aos vídeo intitulado A Teoria Crítica para a Educação Ambiental com Carlos Frederico Loureiro.

A formadora solicitou para que os participantes se organizassem em quatro grupos e discutissem sobre as principais características das Macro-tendências da Educação Ambiental, apresentando e exemplificando práticas de Educação Ambiental vivenciadas, observadas ou de seu conhecimento, relacionadas às macro-tendências indicadas. Dos cartazes elaborados em papel pardo podemos sintetizar aqui as ideias abarcadas no quadro a seguir:

**Quadro 1: Atividade em grupos - características das Macrotendências da EA.**

Conservacionista	Pragmática	Crítica
É descontextualizada, despolitizada, não questiona a estrutura social; Desperta o amor pela natureza sem mudar a prática; Práticas dirigidas apenas para a conservação;	Sustentabilidade, consumo sustentável, desenvolvimento sustentável; transformadora, mudança de hábitos; Usa com consciência, parcimônia;	Faz a ligação do homem com a natureza; o indivíduo e a natureza como um todo – conceito de onilateralidade; Reflete e redefine ações;
Datas comemorativas: dia da água, semana do meio ambiente...; Plantação de feijão no copinho;	Os 3 Rs: Reciclar, reutilizar, reduzir; Separação de lixo reciclável; Utilização de sucatas para confeccionar brinquedos;	A orientação consciente, não se trata só de arrecadar óleo ou alumínio, mas de uma discussão maior sobre nosso consumo, por exemplo.

Ao final, conclui que é preciso anunciar uma nova direção que supere essas condições postas, é preciso fazer a crítica ao modelo de sociedade em que estamos inseridos.

### **3. Educação Ambiental: práticas que consideram o aspecto local e global para a construção da cidadania de nossos educandos**

O terceiro encontro foi ministrado em 14/09/2015 por uma doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do IB- UNESP/Rio Claro, vinculada à linha de pesquisa de Educação Ambiental.

Esta reunião foi organizada em torno de três temas associados à realização de três atividades, cujo objetivo principal foi o de revelar, por meio das representações, os conhecimentos relativos à problemática socioambiental (local e global).


Em um primeiro momento, a formadora utiliza o recurso de um vídeo feito por ela mesma simulando ser uma blogueira que faz a divulgação do encontro em nosso município, apresentando um resumo das temáticas a serem abordadas de forma entrelaçada e convidativa. Por ser esse modo de introdução diferente do convencional acabou por possibilitar maior abertura de participação das inscrites desde o início do encontro.

Logo após, propôs ao grupo a discussão e a definição sobre o que entendiam por Meio Ambiente e, a partir dessa conversa, foi proposto ao grupo a construção de uma representação sobre este tema. Quando tratamos de representação nesse encontro nos referimos à elaboração de desenho ou produção escrita que retrate o tema abordado.

Posteriormente à realização desta atividade, iniciou-se a discussão sobre o segundo tema do encontro: “o que eu enxergo é o que você vê?”. Neste momento,

através de exposições de diferentes imagens a formadora proporcionou um momento de troca de opiniões, destacando a influência destrutiva do homem sobre o meio natural. Ela expunha a imagem e perguntava sempre em um primeiro momento “o que você vê?” (sentido denotativo, original) e em um segundo momento “o que isso representa?” (sentido conotativo, o significado que abarca). No quadro a seguir, trazemos dois exemplos:

**Quadro 2: Sentidos denotativos e conotativos construídos a partir de imagens.**

	<p>Formadora: O que você vê?  “planeta Terra sujo”, “quente”, “poluído”, “triste”,  “ferido”, “agonizando”, “com sede”;</p> <p>Formadora: O que isso representa?  “a Terra pedindo socorro”, “o fim da vida na Terra”;</p>
	<p>Formadora: O que você vê?  “a fábrica poluindo”, “o Brasil sentado na cadeira de aluno aprendendo sobre sustentabilidade com a fábrica”, “poluição do ar e do rio”;</p> <p>Formadora: O que isso representa?  “A imagem de que a empresa tem uma atitude sustentável”, “que, ao mesmo tempo, que causa danos ao meio ambiente esta fazendo algo de bom”, “que as indústrias cuidam do meio ambiente”;</p>

Foram apresentadas algumas reportagens referentes a casos de degradação ambiental de nossa cidade, momento em que se discutiu como os temas locais têm influência direta no global e vice e versa. Alguns exemplos trazidos remetiam à baixa porcentagem de mata virgem no município, ao lixo exposto a céu aberto investigado pelo Ministério Público, a um levantamento sobre dois mil cães e gatos abandonados no município, a uma investigação da polícia civil sobre as mortes de animais do zoológico, entre outros. Os participantes foram complementando com outros episódios locais que não haviam sido ou noticiados ou selecionados, como: “*região da cidade aterrada no passado tem problemas de enchente ate os dias atuais, lagoa não dá vazão à absorção de água quando chove*”, “*bairro da zona norte teve nascente aterrada com pedra*”. A formadora fez também um trabalho de explorar os sentidos construídos em charges e tiras cômicas.

No terceiro momento, com o objetivo de promover uma atividade de percepção e sensibilização ambiental foram propostas discussões relacionadas ao tema “*Pegada Ecológica*”, quando foi exposto aos participantes o seu significado e a sua implicação para o meio ambiente. Os participantes foram convidados a calcular a própria pegada ecológica por meio de um teste e por fim discutiu-se como esta atividade poderia ser adaptada para as crianças da EI. Nossos resultados nos chocaram, a maioria de nós precisaria de três planetas Terra para prover tudo o que necessitamos em termos de consumo.

Para finalizar, foram apresentadas algumas considerações com intuito de refletir sobre as práticas pedagógicas necessárias para extrapolar os “limites da educação tradicional centrada na lógica da competição e acumulação e na produção ilimitada de riqueza sem considerar os limites da natureza e as necessidades dos outros seres” (GUTIÉRREZ; PRADO, 2013, p. 40) e explorar as questões relativas à identidade e interdependência locais e globais, a fim de cumprir o seu papel na promoção de cidadãos planetários.

#### **4. Educação Ambiental na Educação Infantil**

O quarto encontro foi realizado em 21/09/2015 e ministrado por uma mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Rio Claro, vinculada à linha de pesquisa de Educação Ambiental.

O objetivo desse encontro foi o de apresentar um marco legal tanto no que se refere à EA quanto à EI, trazendo à tona a discussão sobre relatos de experiência de práticas em que a temática ambiental estava presente no contexto da infância. Segundo Rodrigues (2011, p. 177), “a criança na idade pré-escolar encontra-se em formação inicial de seus conceitos e valores, está sentindo, conhecendo e construindo seu mundo, identificando-se e envolvendo-se com sua realidade”, decorrendo dessa afirmação a necessidade de se introduzir desde a EI propostas de EA.

Em um primeiro momento, discutiu-se sobre as legislações sobre a EA: Política Nacional do Meio Ambiente (Lei n. 6.938, de 31 de agosto de 1981), Política Nacional da Educação Ambiental (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (Parecer CNE/CP nº 14/2012, aprovado em 6 de junho de 2012 e Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012).

Foi apresentado o vídeo *Jornal Futura* 28/03/2013 - Educação Ambiental, e a partir dele reforçou-se a ideia de uma Educação Ambiental de cunho transversal,

integradora e problematizadora, superando dessa forma a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente nas práticas pedagógicas escolares.

Posteriormente, foram apresentados aos participantes documentos que contem orientações didáticas referentes à temática ambiental e às atividades com as dimensões necessárias (conhecimento, valores éticos e estéticos, participação política) ao trabalho da Educação Ambiental, tanto no RCNEI (Referencial Curricular para a Educação Infantil), como nas DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil).

Augusto (2013, p. 22) justifica que “a experiência educativa deve expandir os conhecimentos e a significação das crianças”, com base nessa discussão apresentou-se o Vídeo: Série Paralapraca filme 4: “Assim Se Explora O Mundo” e a partir dele os participantes foram tratando da importância das crianças não terem o espaço escolar restrito às salas de aula, a importância de vivências e estudos do meio tanto nas áreas verdes da escola, como explorando o entorno escolar. Um dos participantes relata uma experiência das crianças de sua escola que foram conhecer uma lagoa localizada no mesmo bairro, afirmando que parece haver predomínio da dimensão do conhecimento não só pelo modo como a professora conduz a visita / o passeio, mas pelo modo de participação das crianças nos diálogos com a professora.

Foi apresentado o vídeo A MAIOR FLOR DO MUNDO – José Saramago, com o intuito de propor uma discussão sobre a desconstrução desse valor da sociedade individualista, ficando como mensagem final a ideia de que somos melhores juntos.

Após essa exposição teórica foi proposta aos participantes a realização de uma atividade. Os mesmos foram divididos em cinco grupos e cada um recebeu um relato de uma experiência, em que professores realizaram atividades de EA na EI. Cada grupo leu o relato e identificou os eixos de trabalho contemplados conforme o RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) (artes visuais, matemática, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade, música, movimento) e as dimensões da EA contempladas (conhecimento, valores éticos e estéticos, participação política). Posteriormente apresentaram o resultado da discussão de seu grupo aos demais participantes.

Esses relatos versavam sobre as aprendizagens e descobertas feitas por crianças da EI sobre a água, a horta, o jardim, o manguezal e a preservação. As discussões apresentadas pelos participantes mostrou um profundo conhecimento tanto sobre os eixos de aprendizagem da EI, como das dimensões da EA. Tratou-se de um momento de rica troca de conhecimentos.

Encerra-se o encontro com o vídeo NATUREZA E SOCIEDADE reforçando a importância da experiência, já que a criança está aberta a essas experiências que contemplem diferentes linguagens e que é só dela. De acordo com Larrosa Bondía (2002, p. 24) a experiência “requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, (...) parar para sentir, (...) abrir os olhos e os ouvidos, (...) cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

## **5. A temática ambiental e a construção de valores na Educação Infantil: valores ambientalmente desejáveis**

O quinto encontro foi ministrado em 28/09/2015 por uma doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Rio Claro, vinculada à linha de pesquisa de Educação Ambiental, cujo objetivo principal foi o de discutir com as participantes sobre os “valores ambientalmente desejáveis” e sobre as possibilidades de trabalho com este tema na EI.

Neste encontro, parte-se da premissa de que para discutir sobre os valores ambientalmente desejáveis é necessário o entendimento do que são os valores e como os mesmos estão presentes nas práticas de EA. Desta maneira, em um primeiro momento, antecedendo a exposição teórica, foi pedido com antecedência que os participantes trouxessem algo que tivesse valor para eles. Uma participante trouxe o álbum de fotografias de seus ex-alunos da primeira sala em que lecionou, outra trouxe o primeiro semanário elaborado, houve quem trouxesse foto com a família reunida, uma participante trouxe uma medalhinha que representava sua fé, outra falou de uma tigelinha de louça que era de sua bisavó e que era usada para servir papinha de geração em geração. A formadora chamou a atenção para como os valores são atribuídos de maneira subjetiva, como o objeto trazido pelo colega pode não significar nada para mim, posso não atribuir valor algum. O valor não existe por si só, ele é atribuído por alguém, decorrendo dessa discussão a importância de não impor nossos valores com as crianças/alunos.

A formadora passou a apresentar as definições, semelhanças e diferenças entre os conceitos: valor, moral e ética. Essa etapa da aula foi embasada pelas referências de Payá Sánchez, 2008; Puig, 1998; Frondizi, 1977; Aranha e Martins, 1994; Araújo, 2003; Sánchez Vásquez, 2010.

Foi realizada uma atividade, com o intuito de fazer os participantes refletirem o que fariam diante de diferentes situações que envolvem um dilema moral, foram

apresentados em formato de texto o Dilema de Heinz (problema imaginado pelo psicólogo Lawrence Kohlberg) e um trecho do filme A escolha de Sophia, cabendo relatar que após a cena do filme em que uma mãe no contexto do nazismo se vê obrigada a escolher pela vida de um dos dois filhos. Os participantes ficaram em profundo silêncio, petrificados, colocando-se diante daquela situação que fugia totalmente às escolhas morais de uma mãe.

A partir de algumas definições iniciais partiu-se da consideração de que a crise ambiental pode ser compreendida como uma grande crise de valores, o que implica no estudo, questionamento e redimensionamento das relações que são estabelecidas entre seres humanos e a natureza, propôs-se uma discussão voltada para o trabalho com valores na Educação Ambiental.

Neste momento, foi enfatizado sobre o modelo teórico elaborado por Bonotto (2008) em que é proposto pela autora uma educação em valores que contemple, de forma equilibrada, três dimensões que deverão estar sempre interligadas: cognição, afetividade e ação.

Diante do referencial apresentado (CORTINA, 2000) dois participantes relataram experiências vividas, no sentido de não conseguir ficar indiferente diante de determinadas situações, como, por exemplo, uma poda drástica de árvore na calçada da casa do vizinho e uma mangueira escorrendo água pela rua enquanto a dona da casa se dedicava a outros afazeres.

Partindo-se da premissa de que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, elaborada pela Organização das Nações Unidas em 1948, engloba os valores universalmente desejáveis, ou seja, permite a sistematização de alguns valores que valham para a maioria das culturas, discutiu-se sobre os “valores ambientalmente desejáveis” apresentados por Bonotto (2008) a partir da análise do “Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global”.

Para finalizar o encontro, foi proposta a realização de uma atividade. Em grupos, os participantes foram orientados a criar propostas de atividades para se trabalhar com os valores ambientalmente desejáveis identificados por Bonotto (2008) na Educação Infantil.

**Quadro 3: Proposta de atividade englobando os valores ambientalmente desejáveis.**

Valor	Atividade
<b>Valorização da vida</b> Não somente a dos seres humanos, mas a de todos os seres vivos.	Começamos com a apresentação de alguns alimentos saudáveis e não saudáveis, separando em cartaz com figuras o que as crianças trouxessem de casa, carinha feliz para os saudáveis e carinha triste

<p>Essa posição acarreta, como consequência, o respeito e valorização da biodiversidade. Mostra necessidade de a sociedade rever sua posição em relação aos demais habitantes com os quais compartilha o planeta.</p>	<p>para os não saudáveis. Durante a semana nas alimentações conversariamos sobre os alimentos saudáveis. Seriam apresentados vários livros para as crianças sobre alimentação, sendo escolhido por elas o livro “O grande rabanete”, após a roda de leitura, as crianças poderiam experimentar o rabanete. No espaço da horta seria feito o plantio do rabanete pelas crianças e no momento da colheita haveria o preparo do rabanete para ser servido às turmas. Para finalizar, seria feito um sarau cultural e as crianças apresentariam um teatro, representando a história do livro.</p>
<p><b>Valorização de diferentes formas de conhecimento</b> Ao valorizarmos diferentes culturas, também nos abrimos para as diferentes formas de conhecimento ou saberes, por elas estabelecidos. Isso se contrapõe à hegemonia do conhecimento científico, então considerado superior e suficiente para apreender – e dominar – o mundo.</p>	<p>Em assembleia se discute a importância dos conhecimentos indígenas, relacionando esse tema com uma planta que há na escola “Boldo”. As crianças demonstram interesse em saber sobre a mesma. Conversando sobre a importância que os índios dão as plantas como forma de remédio na cura de muitos males, pois na tribo não havia farmácia e o Boldo era uma dessas plantas que eles utilizavam para curar dores do estômago. As crianças percebem que as folhas possuem uma textura aveludada, sentem o cheiro e posteriormente junto à professora preparam um chá que pode ser degustado, além disso, pode-se dentro do eixo “Artes” trabalhar a técnica do “carimbo de folha”, utilizando a folha do boldo para esse fim.</p>
<p><b>Valorização de uma sociedade sustentável</b> Busca-se um modelo de sociedade baseado na sustentabilidade equitativa e qualidade de vida para todos; Repensar a superprodução e superconsumo para alguns e consequente pobreza para a maioria, Implica o reajuste dos modelos atuais da economia da tecnologia.</p>	<p>Partindo da realidade das crianças, pensando em superconsumo, superprodução; perguntar quem tem algo da Peppa ou da Frozen em casa? Se conhecem esses personagens? Se os familiares apoiam comprar tais produtos? Então, propor que se brinque, com os temas (Peppa e Frozen), mostrando que é possível se divertir, imaginar, sem precisar comprar. Roda de conversa, questionando o que pode ser feito para brincar sem precisar comprar, estimulando o uso da imaginação nas brincadeiras. É possível também trabalhar com as propagandas veiculadas pela TV sobre a real necessidade de aquisição dos produtos anunciados. Comparar encartes de produtos com e sem temas e as diferenças no preço. Com a diferença de valor, o que mais poderia ser adquirido.</p>
<p><b>Valorização de uma vida participativa</b> Para a construção de uma sociedade justa, equilibrada, nos aspectos social e ambiental, despontam valores como responsabilidade, solidariedade, cooperação e diálogo, possibilitando a todos a participação, em um processo democrático e autônomo, nessa construção.</p>	<p>Desenvolver noções sobre a importância de uma alimentação saudável; desenvolver compreensão sobre a importância da atividade agrícola para uma alimentação saudável; diferenciar alimentos naturais de alimentos industrializados; elaborar e cultivar, coletivamente, uma horta na escola. Por meio da roda de conversa sobre a origem dos alimentos faz-se a listagem das hipóteses das crianças; coleta de alimentos; seleção dos alimentos coletados: industrializados/cultivados; pesquisa sobre a origem dos alimentos; visita a uma horta (comunitária) recebendo explicações do produtor; elaboração de uma horta na escola: plantio, cultivo/cuidados e consumo dos alimentos produzidos na própria escola; de acordo com os produtos colhidos, elaboração de uma feira escolar aberta aos pais.</p>

## 6. Relatos de Experiência: oportunidade de conhecer algumas práticas de sucesso

No dia 09/11/15 contamos com a presença de duas professoras de Instituições de Ensino Superior (IES) de nosso município, que retrataram experiências EA-Valores com base em dois artigos: a) O alimento nosso de cada dia e b) A temática ambiental a partir da vida e obra de Portinari.

Previamente, as organizadoras do grupo de estudo preparam um lanche com uma das temáticas de estudo do dia “*O alimento nosso de cada dia*” (BUENO et al, 2012), envolvendo frutas diversas, suco natural, para que desde o primeiro momento fossem percebendo pelo paladar do que trataria o estudo. Isso porque nos encontros anteriores os lanches sempre eram compostos por salgados fritos, refrigerantes, bolachas, etc.; portanto, o lanche saudável era um chamado ao que iriam estudar. Houve comentários de participantes afirmando haver gostado da possibilidade de ter frutas para o lanche.

Desse modo, a formadora desta temática iniciou o primeiro momento do encontro explicando que este estudo sobre alimentação saudável a ser apresentado era um relato de experiência de um projeto realizado numa escola pública da cidade de Rio Claro com alunos do 6º ao 9º ano (Ensino Fundamental II). O projeto intitulado “*O alimento nosso de cada dia*” teve como objetivo principal desmistificar o mito de que alimentação envolvendo frutas, vegetais, hortaliças não é gostosa e que são alimentos específicos somente para quem pretende perder peso ou algo parecido. Após esta breve explicação do porquê da implantação do projeto, a formadora levou o grupo a pensar em: “*Como trabalhar conceitos de valores e ética numa perspectiva envolvendo a alimentação saudável? Como em nossa sociedade atual é possível discutir e modificar hábitos alimentares? Quais possibilidades reais temos ao nosso alcance para modificar hábitos alimentares das crianças na EI? É possível? Como?*”

Uma participante do grupo de estudo relatou que na escola que leciona percebe que as crianças não têm bons hábitos alimentares, pois observa que quando há alguma salada no almoço/jantar elas pedem para não comer, alegando que não gostam. Ela pergunta à criança: “*Você já experimentou?*” e a criança diz: “*Não, mais eu não gosto...*”. Disse também que acha que esta questão de alimentação saudável é algo bem específico do núcleo familiar e das tentativas que os pais também fazem em casa, incentivando-os a comer vegetais e, sobretudo dando exemplos. Outra participante relatou que acha importante a estética do prato apresentado para as crianças, pois no Japão tem as famosas marmitas com caricaturas de personagens e desenhos animados que as crianças gostam, com isso, pelo motivo do desenho e formato da marmita eles são desportos a comer algo saudável e lúdico também. Disse concordar com a colega, relatando que a família tem muita importância nesse processo de envolver as crianças a ter hábitos alimentares saudáveis.

Assim, após os comentários, a formadora trouxe um vídeo SID E A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL em que a proposta era ilustrar ao grupo como a

professora da escola do desenho abordou a temática com suas crianças, levando-as ainda pequenas a refletir sobre o alimento que estavam ingerindo. Alguns participantes comentaram que com a criança da EI, por ainda não estar alfabetizada, o desenho e o filme colaboram muito neste sentido, pois despertam a curiosidade e aguçam a vontade de experimentar algo novo, seja uma fruta, uma hortaliça. Outra participante comentou que na sua escola há o plantio de horta, em que cada classe fica responsável por um canteiro. É feito um trabalho que envolve a roda de conversa e listas escritas na lousa dos alimentos saudáveis preferidos das crianças tendo a professora como escriba. Há também a demonstração das sementes ou mudas do que irão plantar, explicando todo o processo de plantio, cuidado, germinação, etc.. Ela disse ter percebido mudança de hábito nas crianças, pois até os pais chegam para perguntar o que eles estão fazendo que antes o filho não comia determinada hortaliça e agora está comendo. Houve muita discussão em torno da questão do *fast food*, que com a vida acelerada de muitos, a alimentação tem sido deixada de lado, pois cozinhar consome tempo e dedicação e muitos então preferem comer fora, consumindo lanches, frituras, refrigerantes, algo pronto e rápido.

A formadora levantou também questões a respeito dos doces e do açúcar, já que no próprio relato de experiência há situações em que o açúcar é visto como recompensa para as crianças ou é abertamente oferecido a elas. Leu-se o poema “Açúcar” de Ferreira Goulart, fazendo uma reflexão sobre todo o processo de trabalho escravo e mão de obra escrava para o açúcar chegar a nossas mesas. Especificamente na EI a formadora traçou em tempo real junto aos participantes, metas, pedido e estratégias para tornar a alimentação na EI mais saudável. Falaram a respeito do estudo dos documentos oficiais que regem a EI e o quanto o trabalho com projetos a médio e longo prazo são essenciais para a modificação de hábitos alimentares.

Outra questão levantada foi a intervenção negativa da mídia neste sentido, de como fazem demonstrações de lanches e consumo de refrigerantes como se fossem legais e descolados e que por isso, as crianças são levadas a pensar que para ser também legal e descolado precisa consumir determinado tipo de alimento, aliando aí também a questão do status que o *fast food* promove.

O segundo momento desse encontro contou com outra formadora responsável por mediar a compreensão de outro relato de experiência: A Temática ambiental na vida e obra de Cândido Portinari - a ligação com o lugar (PINTO et al, 2012).

A formadora iniciou o encontro apresentando aos participantes o relato de experiência de um projeto que aconteceu em Rio Claro/SP, numa escola de Ensino Fundamental II com alunos do 6º ao 9º ano, envolvendo professores de Língua Portuguesa, História e Artes. O objetivo do projeto era identificar em algumas obras de Cândido Portinari a relação afetiva que ele tinha com a cidade onde viveu e a partir disso reconhecer a necessidade da participação individual e coletiva nas ações e decisões que afetam o ambiente em que vivemos.

Assim, o que se propôs por meio dessa apresentação foi a participação individual e coletiva no enfrentamento dos problemas ambientais locais e na promoção de uma melhor qualidade de vida. A formadora propôs a “apreciação” de algumas obras de Cândido Portinari: Paisagem de Petrópolis (1952), Morro (1933), Meio Ambiente (1934), Favelas (1930), Santo Antônio falando aos peixes (1942), Paisagem (1943), Praça de Brodowski (1939), Menino na gangorra (1944), Enchente do Rio Tietê (1935) e Meninos brincando (1958), para em seguida provocar a releitura das obras, conforme exposto no relato. Para isso disponibilizou entre os participantes canetinhas coloridas, lápis de cor e papéis diversos e os questionou sobre o papel do meio ambiente nas obras o que também deveria ser evidenciado em suas releituras.

Finalmente, os participantes apresentaram suas releituras, retratando seus próprios contextos. Os participantes conseguiram captar os valores do meio ambiente em que vivem por meio da comparação feita com as obras apresentadas. Era notável o quanto eles se apropriaram deste momento, deixando evidente em suas falas, percepções e olhares atentos às obras apresentadas, manifestando exemplos e condições que modificariam para melhorar o ambiente da obra estudada. Engelmann (2008 p. 24) expõe que “quando o homem se reconhece como um ser fazedor de cultura, ele tem condições de criar uma consciência filosófica que lhe permite recriar, repensar, elaborar novos questionamentos, atribuir novos significados às coisas e também desenvolver a arte”.

***Quadro 4: Atividade de releitura das obras de Portinari – um olhar para o ambiente.***

Obra de Portinari	Releitura feita em grupos
-------------------	---------------------------



Após as apresentações, a formadora conclui que o mundo em que as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas. Desde muito pequenas, pela interação com o meio natural e social no qual vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações. Como integrantes de grupos socioculturais singulares, vivenciam experiências e interagem num contexto de conceitos, valores, ideias, objetos e representações sobre os mais diversos temas a que têm acesso na vida cotidiana, construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cercam. (BRASIL, 1998, p.163). O trabalho da Educação Ambiental, nesse estágio do desenvolvimento, deverá ser levado adiante com base na realidade sociocultural, procurando sempre despertar a autonomia, criticidade e responsabilidade. Esses momentos de vivência devem ser acompanhados de um trabalho prévio de coleta,

apresentação e discussão de informações, permeados por atividades que envolvam diferentes conteúdos.

## 7. Os planos de atividades dos participantes

Em nosso último encontro no dia 16/11/2015 socializamos a elaboração de planos de atividades individuais. Os temas escolhidos pelos 34 participantes variaram entre: diminuir a produção de lixo e reciclar (16), alimentar-se de maneira mais saudável (4), produzir junto às crianças uma horta escolar (4), plantar uma árvore junto às crianças (2), conhecer as árvores frutíferas (2), cuidar da natureza (1), conhecer mais sobre a água e seus estados (1), pesquisar sobre enchentes (1), pesquisar o ecossistema (1), pesquisar a fauna e a flora de nossa cidade (1) e pesquisar animais em extinção (1).

Tratou-se de uma experiência riquíssima e o que as formadoras acabaram percebendo é que este grupo de estudo só somou em práticas muito bem elaboradas. Isto é, o que se percebeu foi que os participantes do grupo de estudo traziam em si uma bagagem escolar muito grande e práticas admiráveis e isso nos impulsiona a acreditar que a Educação de Qualidade que tanto almejamos só é possível porque existem nela tantas pessoas comprometidas e seriamente envolvidas em oferecer o seu melhor às nossas crianças.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

A ESCOLHA DE SOPHIA (Tradução) 1982. Publicado em 10 de nov de 2013. 3:06. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7ckPCmUxu6U>> Acesso em: 28/09/15

ALBERTO, P.G. *Educação Ambiental e Educação Infantil numa área de proteção ambiental: concepções e práticas*. Dissertação de Mestrado. UNESP – Rio Claro, 2007.

ALMEIDA, E.M.P. de; COSTA-SANTANA, P.M.; TONSO, S. O Papel da Literatura Infantil como Instrumento na Reflexão e Busca de Soluções Dos Problemas Ambientais. In: AMBIENTE & EDUCAÇÃO, vol. 15(1), 2010.

A MAIOR FLOR DO MUNDO – José Saramago. Por Rui Lourenço em 18 de jun de 2010. 09:48. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YUJ7cDSuS1U>> Acesso em: 21 set. 2015.

ANDRADE, C.D. de. Da utilidade dos animais. In: *Para gostar de ler*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1979, v.4, p.17-20.

ARAÚJO, A.F. de. Teatro e Educação Ambiental: Um Estudo a respeito de Ambiente, Expressão Estética e Emancipação. Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica apresentado à FAPESP. Universidade de São Paulo Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba, 2005.

ARRUDA, V.L.V.; FORTKAMP, E.H.P. Educação Ambiental na Educação Infantil: alegrias e desafios. In: GUIMARÃES, L.B.; BRÜGGER, P.; SOUZA, S.C.; ARRUDA, V.L.V. (org.). *Tecendo subjetividades em educação e meio ambiente*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003, p. 141-158.

A TEORIA CRÍTICA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL – Carlos Frederico Loureiro. Publicado por: Educachico - Canal da Coordenação de Educação Ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, em 02 jul. 2012.7'24. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FTB0iGgGcXM>>. Acesso em 31/08/2015.

AUGUSTO, S. O. A experiência de aprender na educação infantil. In: BRASIL, MEC/SEB. *Novas Diretrizes para a Educação Infantil*. TV escola/Salto para o futuro, ano XXIII, n. 9, jun. 2013, p. 19-28.

BONOTTO, D.M.B.; CARVALHO, M.S da S. (orgs.). *Educação Ambiental e o trabalho com valores: Reflexões, práticas e formação docente*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BONOTTO, D. M. B. *O trabalho com valores em educação ambiental: investigando uma proposta de formação contínua de professores*. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

\_\_\_\_\_. Contribuições para o trabalho com valores em Educação Ambiental. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 14, n. 2, 2008, pp. 295-306.

BOWNE, M. & BROKMEIER, S. At the Zoo: Kindergartners Reinvent a Dramatic Play Area. In: *Early Childhood Research & Practice*. Volume 10 número 2 – Fall, 2008. Disponível em: <http://ecrp.uiuc.edu/v10n2/bowne.html>. Acesso em 19/11/2013.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* – Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: MEC, CNE/CEB, 2009.

\_\_\_\_\_. *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto (MEC)/ Secretaria de Educação Básica (SEB), 2006.

\_\_\_\_\_. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF)/ Ministério da Educação e do Desporto (MEC), 1998.

\_\_\_\_\_. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. Lei Federal Nº 4.771, de 15 de setembro de 1965. Estabelece o Código Florestal Brasileiro. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF. 16 Set. 1965.

BRUM, B. P. *Monstros Atacam* - Jogo digital sobre educação ambiental direcionado ao público infantil. Projeto de Graduação apresentado ao curso de Desenho Industrial do Departamento de Desenho Industrial do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial – Programação Visual, 2010.

BUENO, F.M.C. et al. O alimento nosso de cada dia. In: BONOTTO, D.M.B.; CARVALHO, M.B.S. da S. (orgs.). *Educação Ambiental e o trabalho com valores: reflexões, práticas e formação docente*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012, p. 107-125.

- BUSQUETS, M.D, et al. *Temas transversais em educação – bases para uma formação integral*. Série Fundamentos, 138. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- CAMILO, C. Os investigadores do manguezal. In: *Revista Nova Escola* [on-line]. Edição 276, out. 2014. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/pequenos-investigadores-manguezal-805020.shtml#ad-image-0>>. Acesso em 10 set. 2015.
- CARVALHO, I.C. de M. *Educação ambiental a formação do sujeito ecológico*. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- \_\_\_\_\_. Educação e movimentos sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. In: I Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental: Tendências e Perspectivas. In: *Revista Educação Teoria e Prática*. Rio Claro: EDUNESP, 2001. v. 9. p. 46-56.
- CARVALHO, L.M. de. A pesquisa no campo da formação e do trabalho docente relacionado com a temática ambiental. In: *Coleção Didática e Prática de Ensino – Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Educação Ambiental, Educação em Ciências, Educação em Espaços não escolares e Educação Matemática*. DALBEN, A. et al (org.). Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010, pp. 67-88.
- \_\_\_\_\_. A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: H.S. CINQUETTI e A. LOGAREZZI (org.). *Consumo e resíduos: fundamentos para o trabalho educativo*. São Carlos: EdUFSCAR, 2006, p. 19-41.
- CASCINO, F. *Educação ambiental: princípios, história e formação de professores*. São Paulo: Ed. SENAC, 1999.
- DALBEN, A. et al (org.). *Coleção Didática e Prática de Ensino – Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Educação Ambiental, Educação em Ciências, Educação em Espaços não escolares e Educação Matemática*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- DEGASPERI, T.C. *Educação Ambiental e Valores: Diálogos e Sentidos Construídos nas Práticas de Professores de Ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Biociências - UNESP – Rio Claro, 2012.
- DUHN, I. Making ‘place’ for ecological sustainability in early childhood education. In: *Environmental Education Research*, 18:1, February, 2012, pp. 19-29.
- ENGELMANN, A. A. *Filosofia da Arte*. Curitiba. Ibpx. 2008.
- FONSECA, K. M. et al. Relato de experiência em educação ambiental numa turma de pré-escola – água e crianças: muitas descobertas e aprendizagens. In: *FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA*, 6, 30 jul. a 01 ago. 2014, Santa Maria – RS, 2014, p. 1-9. Disponível em: <[http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade\\_2datahora\\_25\\_05\\_2014\\_18\\_27\\_48\\_idinscrito\\_770\\_1d2bbea54071a022a3c2d81a23881ff6.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_25_05_2014_18_27_48_idinscrito_770_1d2bbea54071a022a3c2d81a23881ff6.pdf)>. Acesso em 10 set. 2015.
- GARMS, G.M.Z. Trabalho diversificado no cotidiano da educação infantil. In: GUIMARÃES, C.M. (Org.). *Perspectivas para a educação infantil*. 1ª ed. Araraquara: Junqueira & Marin, 2005, pp. 181-203.
- GOLDBERG, L.G.; YUNES, M.A.M.; FREITAS, J.V. de. O Desenho Infantil Na Ótica Da Ecologia Do Desenvolvimento Humano. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005.
- GONÇALVES, C.W. *Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. Campinas: Papirus Ed, 1996.

HISTÓRIA DAS COISAS (versão brasileira para The story of stuff). Produzido por: Tides Foundation (funders workgroup for sustainable production and consumption) & Free Range Studios. With Annie Leonard. Publicado em 8 de mai de 2011 por Michel Cunha. 21'17. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw>>. Acesso em 17/08/2015.

JACOBI, P.R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.2, p. 233-250, maio/ago, 2005.

JORNAL FUTURA - Educação Ambiental. Por Canal Futura em 28 de mar de 2013. 03:34. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DVZXIKIVh1A>>. Acesso em: 21 set. 2015.

KOHLBERG, L. Dilema de Heinz. In: Blog da disciplina Psicologia do Desenvolvimento do curso de Licenciatura em Ciências do Desporto da FADEUP - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Disponível em: <<http://escritasdapsique.blogspot.com.br/2011/05/desenvolvimento-moral-lawrence-kohlberg.html>> Acesso em 28/09/2015.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr./ 2002.

LEFF, E. *Epistemologia Ambiental*. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. *Discursos Sustentáveis*. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. (coord.). *A complexidade ambiental*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA RIBEIRO, M. de S.; PROFETA, A.C.N.A. Programas de Educação Ambiental no Ensino Infantil em Palmeiras de Goiás: Novos Paradigmas Para Uma Sociedade Responsável. In: *REMEA*, Volume 13, julho a dezembro de 2004.

LOPES, N. Pesquisa no laboratório e também no jardim. In: *Revista Nova Escola* [online]. Edição 257, nov. 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/pesquisa-laboratorio-tambem-jardim-720891.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2015.

LOUREIRO, C.F.B. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. et all. (orgs.). *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARANGON, C. Preservar também é coisa de criança. In: *Revista Nova Escola* [online]. Publicado em dez. 2002. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/preservar-tambem-coisa-crianca-422841.shtml>>. Acesso em: 10 set. 2015

MARIN, A.A. A Percepção no *Logos* do Mundo Estético: Contribuições do Pensamento de Merleau-Ponty aos Estudos de Percepção e Educação Ambiental. In: *Interações*, nº 11, 2004, pp. 48-66.

MORGADO, F. da S. A horta escolar na educação ambiental e alimentar: experiência do Projeto Horta Viva nas escolas municipais de Florianópolis. Relatório de conclusão de graduação apresentado ao Curso de Agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do título de Engenheira Agrônoma, 2006.

MULDER, K.F. Don't preach. Practice! Value laden statements in academic sustainability education. In: *International Journal of Sustainability in Higher Education* **11.1** (2010): 74-85.

NATUREZA E SOCIEDADE. Por Univesp TV em 22 de mar de 2011. 13:09. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3j3qpFws1Ls>>. Acesso em: 21 set. 2015.

NUCCI, Larry. Psicologia moral e educação: para além de crianças “boazinhas”. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n.2, p. 71-89, jul/dez, 2000.

OLIVEIRA, T.L. de F.; VARGAS, I.A. de. Vivências Integradas à Natureza: Por uma Educação Ambiental que estimule os sentidos. In: *REMEA*, v. 22, janeiro a julho de 2009, pp. 309-322.

O PROBLEMA NÃO É MEU (versão brasileira para That’s not my problem). Escrito e dirigido por Sam Weiss. Distribuído e dublado no Brasil pela Siamar São Paulo. Publicado em 4 de jun de 2014 por Fábio Groeschel. 7’58. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jbGKtD0TXoU>>. Acesso em 17/08/2015.

PARDO-DÍAZ, A. *Educação ambiental como projeto*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE. Realização Fernanda Sena. Publicado por: Nanda Sena em 29 out de 2009. 5’19. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DHqMmFzAjP8>> Acesso em 31/08/2015.

PINTO, M.R.V. et al. A temática ambiental na vida e obra de Cândido Portinari: a ligação com o lugar. In: BONOTO, D.M.B.; CARVALHO, M.B.S. da S. (org.). *Educação Ambiental e o trabalho com valores: reflexões, práticas e formação docente*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012, p. 77-89.

PUIG, J.M. *Práticas Morais – uma abordagem sociocultural da educação moral*. São Paulo: Moderna, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ética e valores: métodos para um ensino transversal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998a.

\_\_\_\_\_. *A construção da personalidade moral*. São Paulo: Ática, 1998b.

REIGOTA, M. Coleção primeiros passos nº 292; *O que é educação ambiental*. 1. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

REPENTE DO CONSUMO SUSTENTÁVEL - Vídeo selecionado para 4ª Mostra do CTV. Realização Rafael Borges, dezembro de 2011. Ministério da Cultura e Ministério do Meio Ambiente. Publicado por Mostra Tela Verde 18 de mar de 2013. 2’0. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=hpPzCSa\\_LHA](https://www.youtube.com/watch?v=hpPzCSa_LHA)> Acesso em 31/08/2015.

RODRIGUES, C. Educação Infantil e Educação Ambiental: Um Encontro das Abordagens Teóricas com a Prática Educativa. In: *REMEA*, v. 26, janeiro a junho de 2011, pp. 169-182.

RODRIGUES, A.C. *A Educação Ambiental e o fazer interdisciplinar na escola*. Araraquara: JM Editora; Juiz de Fora: FAPEB, 2008.

ROSSETI-FERREIRA, M.C. et al (orgs.). *Os fazeres na Educação Infantil*. São Paulo: Cortez, 1998.

RUFFATO, L. *Discurso para a abertura da Feira do livro de Frankfurt*. 8, out, 2013. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,leia-a-integra-do-discurso-de-luiz-ruffato-na-abertura-da-feira-do-livro-de-frankfurt,1083463>. Acesso em: 03/08/2015.

RUSCHEINSKY, A. (org.). *Educação Ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, A.P. dos & LEONOR, M.F.F. Recreação/Educação Infantil: transição e frutos. In: KRAMER, Sonia et al (orgs.) *Infância e Educação Infantil*. 11ª Ed. São Paulo: Papirus, 2011.

SANTOS, T.; SABEL, T. R.; MORAIS, J. L. Relato de experiência: construção de uma horta hidropônica em ambiente escolar. In: *Periódico Eletrônico Fórum Ambiental da Alta Paulista*, v. 9, n. 6, 2013, p. 170-175. Disponível em:

< [http://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum\\_ambiental/article/download/483/509](http://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/download/483/509)>. Acesso em: 10 set. 2015.

SÃO PAULO. *Orientações Curriculares: Expectativas de aprendizagem e Orientações Didáticas para Educação Infantil*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica, 2007.

SARMENTO, M.J. *Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. In: Campinas: Educação e Sociedade, vol. 26 n<sup>o</sup>. 91, 2005, maio/ago., pp. 361-378.

SÉRIE PARALAPRACÁ FILME 4: Assim Se Explora O Mundo. Por Rede Primeira Infância em 25 de jun de 2012. 12:27. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7c-BDzXZ0Go>>. Acesso em: 21 set. 2015.

SERRES, M. O contrato natural. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SID E A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL. Publicado por Amanda Zanetti em 31 de mai de 2013. 11:23. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q-K0KyBBkpl>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

TONUCCI, F. *Quando as Crianças Dizem: Agora Chega!* Porto Alegre: Artmed, 2005.

TOZONI-REIS, M.F. de C. *Educação Ambiental – natureza, razão e história*. 2<sup>a</sup> Ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

*Submetido em: 19-01-2016.*  
*Publicado em: 30-05-2016.*